

Psicanálise: o processo de subjetivação em tempos de pandemia e conexões virtuais¹

Psychoanalysis: the process of subjectivation in times of pandemic and virtual connections

Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski

Resumo

Nosso ensaio objetiva examinar as possíveis mudanças no processo de identificação da criança e do adolescente a partir das múltiplas relações familiares, do uso constante das conexões virtuais e da pandemia mundial nos dois últimos anos. Para tanto, vamos comentar algumas situações da clínica e alguns fragmentos da pesquisa do pós-doutorado em andamento, em relação ao processo de subjetivação no século XXI. Serão discutidos dados de pesquisa realizada com profissionais das áreas da saúde e da educação que participaram dos ciclos de estudos de psicanálise, promovidos pelo Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), de 2019 a 2021. Freud, Lacan, Alvarez, Dolto, Sigal e Rassial são alguns dos autores revisitados neste trabalho, dando-nos maior suporte e sustentação às ideias analisadas.

Palavras-chave: Processo de Subjetivação, Identificação, Pandemia, Conexões virtuais.

Os três últimos congressos do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) – Porto Alegre (RS), Salvador (BA) e Belém (PA) – trouxeram temas e inquietações de cada época, buscando refletir, examinar e analisar como a psicanálise está implicada em cada tema e quais as possíveis modificações necessárias na clínica. Um dos assuntos do congresso de Belém, em 2019, foi o relato de psicanalistas sobre atendimento *on-line*, via Skype ou WhatsApp, havendo a intenção dos conferencistas em justificar que isso também era psicanálise, que a distância não deveria impedir alguém de usufruir do processo psicanalítico. O Congresso de Porto Alegre, em 2015, já sinalizava que as conexões virtuais estavam cada vez mais presentes na nossa vida.

No retorno do congresso de Belém, uma candidata em formação do CPRS me contactou, perguntando se poderia concluir sua segunda supervisão na modalidade *on-line*, uma vez que sete anos atrás havia se mudado para outro estado brasileiro e que tinha desejo de concluir sua formação. Na época, isso pareceu um tanto estranho, porque seria o primeiro caso de supervisão à distância no CPRS. Para poder dar-lhe um retorno, levei sua solicitação a uma reunião da diretoria da instituição, a fim de examinar a situação junto dos colegas. O grupo consentiu que a supervisão acontecesse de forma *on-line*, mas determinou que algumas combinações fossem estabelecidas de forma presencial.

Na segunda semana do mês de março de 2020, todos fomos pegos de surpresa pela

1. Trabalho apresentado no XXIV Congresso de Psicanálise do Círculo Brasileiro de Psicanálise - *Para além da pandemia: ecos na psicanálise*, realizado pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, de 4 a 6 nov. 2021, por meio da plataforma Zoom.

pandemia da covid-19, com a necessidade de distanciamento social, sem uma data de quando isso iria acabar. O que fazer com os atendimentos na clínica, com os seminários de formação, com os ciclos de estudos previstos, com as reuniões? Foi preciso redirecionar os sonhos, os projetos, as metas de todos os povos. Uma situação que provocou ansiedade e temor em relação ao amanhã.

A vida precisou ser reinventada longe das ruas e do local rotineiro de trabalho. Apesar do mal-estar, esse momento sem precedentes possibilitou maior reflexão sobre quem somos, o que fazemos, o que podemos e o que devemos fazer. Acreditamos que toda situação difícil, por pior que seja, sempre abre alternativas, oferecendo caminhos para crescermos como humanidade.

Enquanto algumas mães e alguns pais passaram a trabalhar em *home office*, outros, especialmente os profissionais da saúde, tiveram que se afastar mais do ambiente familiar, com um maior distanciamento social, evitando levar o vírus SARS-CoV-2 ao seu grupo familiar. Muitas vezes, escutamos o relato de médicos ou enfermeiros dizendo que passaram a ficar o tempo de descanso em hotéis, longe de seus filhos e filhas. Rupturas necessárias que, com certeza, vêm deixando muitas marcas e muitos registros naqueles que estão fazendo as suas primeiras incursões na constituição de sujeito, assim como as tantas rupturas por morte de familiares, amigos e conhecidos. Incomensuráveis perdas, como a da Dra. Isabela Santoro Campanário, do CPMG, que vinha realizando um excelente trabalho sobre as intervenções precoces com bebês, com impasse de desenvolvimento psíquico, com risco de autismos (CAMPANÁRIO, 2018), em Belo Horizonte (MG).

Na parte inicial do livro *Tudo é linguagem*, Dolto (1999) refere-se à Guerra de 1914, à experiência vivida por ela e às modificações causadas na vida das famílias, da mesma forma que a Segunda Guerra, trazendo comoção, desconfiança, rupturas dos laços familiares. As guerras, assim como a

pandemia, repercutem nos vínculos familiares, especialmente no crescente aumento da orfandade de crianças e adolescentes. Até dezembro de 2021, o nosso país registrava mais de 280 mil brasileiros até 17 anos órfãos na pandemia, conforme estudo divulgado pela revista britânica *The Lancet* (JESUS, 2021).

Em função do distanciamento social, aproveitamos o tempo para dar continuidade aos estudos acadêmicos de pós-doutorado em psicologia social, com um viés psicanalítico, em que nos debruçamos a investigar as possíveis mudanças na constituição do sujeito e no processo de subjetivação nas primeiras décadas do século XXI. A partir desse questionamento, remetemos uma entrevista semiestruturada a 90 profissionais da saúde e da educação de diferentes estados brasileiros que haviam participado, de 2019 a maio de 2021, dos ciclos de estudos de psicanálise promovidos pelo CPRS, perfazendo sete grupos. Dezesseis profissionais se dispuseram a colaborar, mas obtivemos o retorno efetivo de nove questionários da entrevista semiestruturada, respondendo a cinco perguntas: uma da área da psiquiatria, uma da psicopedagogia, uma da psicologia, duas da educação e quatro da psicanálise.

Aqui, em função do tempo, vamos dar atenção a duas perguntas específicas de nossa pesquisa. A primeira diz respeito ao mundo virtual: “Como você avalia o uso de tecnologias pelos pais de crianças ou adolescentes com quem trabalha?”. As respostas foram as seguintes: uso muito frequente (4), uso frequente (4), pouco uso (1). Com esses resultados, fica evidente que as tecnologias digitais estão cada vez mais presentes nas famílias. Pimentel (2019), em seu artigo *O sujeito contemporâneo e a realidade virtual*, apresentado no Congresso do CBP de Belém, trouxe reflexões importantes no sentido de a psicanálise estar atenta aos relacionamentos nas redes sociais, de certa confusão entre o público e o privado, de uma necessidade das pessoas de diferentes faixas etárias exibir um perfil de felicidade e alerta de que “estamos

construindo novas teorias e formando também novas subjetividades e, enquanto isso, alguns mais vulneráveis no processo de subjetivação se perdem no caminho” (PIMENTEL, 2019, p. 55).

A segunda pergunta buscava saber: “Quais são as personagens de referência no processo de identificação da criança ou adolescente com quem você trabalha?”. Obtivemos as seguintes respostas: mãe (5), pai (0), mãe e pai (4), avós (4), personagens de histórias (2). Cada participante justificou as alternativas assinaladas. Chama bastante a atenção que o pai não foi apontado. Na justificativa, mencionaram que os cuidados primários são realizados pelas mães e pelas avós; pais (homens) estão ausentes. Outros argumentaram que o processo de identificação se dá diretamente com a mãe. Alguns referiram que as crianças são criadas e cuidadas pela mãe, as mães são donas, as mães e algumas avós. As respostas em que consta a figura paterna envolvem moradia, por exemplo, “eles moram com os pais”, mas relatam personagens favoritas de séries, jogos ou animes, ou outras personagens que têm desempenhado a função de identificação, além de um dos pais e a avó. Por fim, as crianças reproduzem crenças e comportamentos familiares.

A menor presença do pai na vida da criança ou do adolescente já era anunciada no início do século XX, como analisa Rassial (2000, p. 151) no capítulo *A pane do sujeito*:

[...] insisto mais nas condições coletivas, no declínio da função paterna, indicado por Freud e traduzido por Lacan como declínio dos Nomes-do-Pai. É isso que faz do sujeito em estado limite o protótipo do sujeito moderno, na medida em que ele só deixou ao pai – sustentação da tradição, isto é, da transmissão – um valor nostálgico, nostalgia de um pai imaginário. O sujeito, agora, defrontado com o pai real desvalorizado no laço social, só o manterá, este pai menosprezado, pelo sacrifício (ao pai imaginário), ao invés de pela dívida (com o pai simbólico).

Em nossos seminários de formação no CPRS, no final do século XX e início do XXI, Natal Fachini, um dos psicanalistas que conduzia esses seminários mencionava, com frequência, estar percebendo de forma recorrente “um declínio da função paterna”, observação referendada por Lebrun (2008), quando aborda as novas psicopatologias infantis, reconhecendo que muitos pais têm medo de dizer não ao filho e que, muitas vezes, as crianças estão em falta de pai, embora convivam com ele.

Para pensar a constituição do sujeito, é necessário aprofundar o conceito de sujeito. Garcia-Roza (1991) descreve que, para Freud, a subjetividade está cindida, ou seja, há uma divisão interna no campo da representação; de um lado, a parte inconsciente e, de outro, a parte consciente e pré-consciente.

O sujeito do consciente não é o mesmo que o sujeito do inconsciente. Enquanto o primeiro é o sujeito do enunciado, sujeito gramatical (eu acho, eu sou, eu quero), o segundo é o sujeito de enunciação, sujeito do desejo, sujeito do inconsciente (GARCIA-ROZA, 1991, p. 197).

Diante das respostas da pesquisa, indagamo-nos sobre as possíveis mudanças no processo de subjetivação, especialmente no que diz respeito ao processo de identificação na constituição do sujeito. Qual foi a atenção dada por Freud à identificação?

Consultando vários dicionários ou vocabulários de psicanálise, constata-se que o processo de identificação, na teoria de Freud, foi descrito em diferentes momentos. De 1895 a 1933 (mais ao final de seus estudos, portanto), Freud expressou não se considerar satisfeito com a definição do processo de identificação como algo concluído. Assim, tal abordagem é uma convocação aos psicanalistas para seguir investigando esse conceito.

Garimpando o percurso histórico, vimos que Freud cita o conceito de identificação

pela primeira vez em 1895, em *Estudos sobre a histeria*, no caso Elizabeth; em 1905, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*; em 1908, seu texto em relação à imagem do corpo *Sobre as teorias sexuais das crianças*; em 1921, em *Psicologia das massas e análise do ego*, conforme evidenciado em Kaufmann (1996). Freud citado por Kaufmann (1996, p. 258) afirma: “A identificação é conhecida da psicanálise como a mais precoce manifestação de uma ligação de sentimentos com outra pessoa”. Em 1924, Freud completou sua teoria da identificação ao descrever *A dissolução do complexo de Édipo*. Para isso, a criança teria duas alternativas de satisfação, uma ativa e outra passiva.

Roudinesco e Plon (1998, p. 365), ao examinarem o conceito de identificação, destacam que, em 1933, Freud escreveu sobre a “decomposição da personalidade psíquica, aqui chama a atenção para a instância do superego, que faz parte do processo de identificação na instância com a relação parental”. Mencionam também que, além de Freud, Lacan deu atenção ao processo de identificação: “No início, ele situa a identificação no registro imaginário, durante o estágio do espelho” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 365).

Lacan ([1954] 2016, p.199), retomando o artigo de Freud *O Eu e o Id*, mais especificamente sobre o Ego, menciona que, para Freud,

[...] o eu é feito da sucessão das suas identificações com os objetos amados que lhe permitiram tomar a sua forma. O eu é um objeto feito como uma cebola, poder-se-ia descascá-lo, e se encontrariam as identificações sucessivas que o constituíram.

Além de Freud e Lacan, Anna Freud descreveu o mecanismo de defesa da identificação. Melanie Klein examinou o interjogo das identificações projetivas e introjetivas, especificando que as projetivas ocorrem mais na posição esquizoparanoide e as introjetivas, na posição depressiva. O processo de identi-

ficação ainda recebeu atenção nos estudos de Bion, Esther Bick Meltzer, Rosenfeld, Racker, entre outros, conforme registros de Zimmerman (2001) e Laplanche e Pontalis (1998).

Vimos o quão extenso é o conceito de identificação em diferentes autores da psicanálise, o que nos faz considerar, segundo Sigal (2017), o estudo histórico dos novos paradigmas da ciência, uma vez que o mundo já não se organiza por dualidades dicotômicas de causa e efeito, como no início do século XX. Assim,

[...] uma aparente desorganização está dando origem a uma nova organização, que pode ser entendida, na psicanálise, como a possibilidade de criação permanente de inscrições em um inconsciente que será considerado como um sistema aberto (SIGAL, 2017, p. 37).

A partir dessa retomada da identificação no processo de subjetivação, entendemos que os vínculos e as relações precoces mãe-bebê são fundamentais. As relações humanas têm se modificado nas últimas décadas. Como diz Bauman (2004), elas são mais líquidas ou fluidas. Lebrun (2008) menciona o neossujeito, que sabe contar pouco de sua história. Gutfreind (2010) chama a atenção para a necessidade de os pais ocuparem o lugar da narrativa junto aos filhos. O filósofo Byung-Chul Han (2017), em seu livro *Agonia do Eros*, examina o amor dos dias atuais e percebe um crescimento do narcisismo e a consequente diminuição do amor, da fantasia e do outro, o que está associado a uma sociedade do desempenho e de valorização da imagem de um corpo perfeito.

Na clínica no atendimento *on-line*, percebemos algo parecido, de um pai que se faz menos presente. De quatro crianças, apenas um pai se mostrou disponível para a entrevista inicial. Aí nos surgem questionamentos sobre como se identificar com um pai que está ausente. Como se identificar se o pai da mãe também não está presente no psiquismo dela? Como essa mãe vai nomear o pai

ao bebê? Considerando que o alicerce do psiquismo se constitui nos primeiros anos de vida, pensamos ser necessário examinar as implicações da transgeracionalidade, assim como menciona Alvarez (2021, p. 320): “em psicanálise, ainda precisamos aprender muito sobre a natureza de introjeção, internalização e identificação”.

Assim, este artigo, como faz parte de uma pesquisa em andamento, vai dar continuidade à análise dos dados colhidos com alguns profissionais da saúde e da educação. Parte dos objetivos busca investigar como ocorrem as identificações e as narrativas, em tempos de maior uso das tecnologias pelos genitores, bem como pesquisar o cultivo dos laços sociais para um processo de subjetivação de crianças e de adolescentes.

Abstract

Our essay aims to examine the possible changes in the process of identification in children and adolescents considering multiple family relationships, the greater use of virtual connections, and the global pandemic in the last two years. To this end, we will comment on some clinical situations and some fragments of the postdoctoral research in progress, regarding the process of subjectivation in the 21st century. Data from research carried out with professionals in the areas of health and education who participated in the Psychoanalysis Study Cycles, promoted by the Psychoanalytic Studies of Rio Grande do Sul Meetings (freely translated from Ciclo de Estudos Psicanalíticos do Rio Grande do Sul - CPRS), from 2019 to 2021, will be discussed. Freud, Lacan, Alvarez, Dolto, Sigal, and Rassial are some of the authors revisited in this work, giving us greater support and basis for the ideas analyzed.

Keywords: *Subjectivation Process, Identification, Pandemic, Virtual Connections.*

Referências

ALVAREZ, A. *O coração pensante: três níveis de terapia psicanalítica com crianças e adolescentes*. São Paulo: Blucher, 2021.

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CAMPANÁRIO, I. S. et al. Intervenção de orientação psicanalítica a tempo em bebês e crianças com impasses no desenvolvimento psíquico. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 50, p. 73-83, jul.-dez. 2018.

DOLTO, F. *Tudo é linguagem*. Tradução: Luciano Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991, v. 2.

GUTFREIND, C. *Narrar, ser mãe, ser pai e outros ensaios sobre a parentalidade*. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

HAN, B.-C. *Agonia do Eros*. Petrópolis: Vozes, 2017.

JESUS, W. Órfãos pela covid-19 demandam políticas de assistência a crianças e adolescentes. *Jornal da USP*, São Paulo, 02 dez. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/orfaos-pela-covid-19-demandam-politicas-de-assistencia-a-criancas-e-adolescentes/>. Acesso em: 12 dez. 2021.

KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

LACAN, J. *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Texto estabelecido por Jacques-Aiain Miller. Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília, DF, 2016. Digitalizado para PDF por Zekitcha.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. Tradução: Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEBRUN, J.-P. *A perversão comum: viver juntos sem outro*. Tradução: Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Campo Matemático, 2008.

PIMENTEL, D. O sujeito contemporâneo e a realidade virtual. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 52, p. 51-58, dez. 2019.

RASSIAL, J.-J. *O sujeito em estado limite*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SIGAL, A. M. Psicanálise: gênero e transexualidades: ainda a psicanálise no campo da sexuação. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 47, p. 35-46, jul. 2017.

ZIMERMAN, D. *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Recebido em: 10/12/2021

Aprovado em: 25/3/2022

Sobre a autora

Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski

Psicanalista, membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).

Psicopedagoga titular.

Mestre em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Doutora e pós-doutoranda em psicologia social pela Universidad Argentina J. Kennedy.

Professora em cursos de graduação e pós-graduação na Faculdade Porto-Alegrense (FAPA) de 1996 a 2017.

Autora de artigos sobre psicopedagogia e psicanálise e do livro *O mutismo seletivo no espaço escola* (Editora Diálogo Freiriano, 2019).

E-mail: mwagnerpokorski@gmail.com